



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**CENTRO DE ARTES**  
**COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA**

**FERNANDO MACHADO DOS SANTOS**

**SAIA JUSTA: TELEVISÃO E PRODUÇÃO DE VERDADE A PARTIR DE  
CONCEITOS FOUCAULTIANOS**

Pelotas/RS

2018

FERNANDO MACHADO DOS SANTOS

**SAIA JUSTA: TELEVISÃO E PRODUÇÃO DE VERDADE A PARTIR DE  
CONCEITOS FOUCAULTIANOS**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Orientadora:

Caroline Leal Bonilha

Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural

Pelotas, 2018

FERNANDO MACHADO DOS SANTOS

**SAIA JUSTA: TELEVISÃO E PRODUÇÃO DE VERDADE A PARTIR DE  
CONCEITOS FOUCAULTIANOS**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Banca Examinadora:

---

Caroline Leal Bonilha – Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural

---

Renata Lobato Schlee – Mestre em Educação Ambiental

---

Guilherme Carvalho da Rosa – Doutor em Comunicação Social

## **SAIA JUSTA: TELEVISÃO E PRODUÇÃO DE VERDADE A PARTIR DE CONCEITOS FOUCAULTIANOS**

**Resumo:** A presente pesquisa visa o estudo da produção de verdades em programas de televisão. Entendendo sua potência de criação e gerenciamento de formas de subjetividades. Para tanto, foram selecionados quatro episódios da 15ª temporada do programa *Saia Justa* do canal por assinatura GNT. Aparados por conceitos do filósofo Michel Foucault e da filósofa Marcia Tiburi, e como metodologia para análise, ferramentas da análise do discurso. A partir da seleção proposta, buscaremos analisar os meios de formação de práticas discursivas televisivas, sob que circunstâncias eles crescem e quais são suas etapas de elaboração. Pensar, em suma, acerca da estrutura que alicerça essas práticas discursivas as quais tem por resultado um entendimento de verdade.

**Palavras-chave:** Foucault; Televisão; Saia Justa; discurso; produção de verdade.

**Abstract:** The present research points the study of the production of truth in TV shows. Comprehending their power of creation and management of ways of subjectivity. Therefore, were selected four episodes of the 15th season of the show “Saia Justa” from the cable TV channel GNT. Supported by concepts by the philosopher Michel Foucault and the philosopher Marcia Tiburi, and as methodology for analysis, mechanisms of the speech analysis. Starting of the proposed assortment, we pretend to analyze the ways of formation of discursive televisions practices, under what circumstances they expand e what are their stages of development. Think, in short, about the structure that founds those discursive practices which results in the understanding of truth.

**Keywords:** Foucault; Television; Saia Justa; speech; truth production.

## Sumário

1. Introdução.....	07
2. Se falamos de TV, de qual tv falamos?.....	10
3. GNT e o discurso do agir.....	13
4. O discurso em Saias Justas.....	14
5. Personagens compondo narrativas.....	18
6. O tempo da televisão e as ideias do lugar de vitrine.....	20
7. Considerações finais.....	22
8. Referências Bibliográficas.....	24



## 1. Introdução

Em 9 de março de 2016, com duração de 49 minutos foi ao ar o episódio de estreia da temporada de 2016 do programa *Saia Justa*. A pauta nos é apresentada no início do programa de forma descontraída. Quase como um esquete de humor, nos mostrando uma sintonia entre as apresentadoras e a felicidade pelo retorno para o 4º ano de programa. No primeiro bloco as apresentadoras discutem se houve uma mudança em relação aos temas apresentados desde a primeira temporada, há 15 anos. Logo depois entregam os títulos de OPP (orgulho pela pessoa) e VPP (vergonha pela pessoa) para personalidades que se destacam por alguma atitude digna de elogio ou nem tanto. A conversa segue no bloco seguinte para falar sobre o vírus da Zika, partindo de entrevista com uma antropóloga que estuda os impactos da doença para mulheres gestantes. No bloco final, diferente dos anteriores, busca-se uma temática mais leve. A conversa toma um ar mais informal, as apresentadoras já não se baseiam tanto em pesquisas ou dados acadêmicos, dividindo experiências pessoais.

A exemplo do episódio acima descrito, todos os dias diversos tipos de programas são produzidos pela indústria televisiva. Foi em 1950, com a TV Tupi, que se deu início a primeira transmissão em território nacional. A consolidação se deu nos anos 70 com o que Dominique Wolton (1990) denomina Televisões Generalistas, ou seja, um mesmo canal de programação variada, com diferentes tipos de programas, para diferentes públicos. Um formato tradicional dos canais de TVs abertas, a exemplo da Rede Globo que, criada em 1965, hoje se configura como o principal canal brasileiro e o segundo maior da América Latina.<sup>1</sup>

No início dos anos de 1990, começa a popularizar a TV por assinatura no Brasil, o que provocou uma mudança não só no modo de fazer como também de assistir. Passa-se a setorizar conteúdos e direcioná-los a determinados públicos. Canais com programação exclusiva – esporte, cinema e música são exemplos flagrantes – desenvolvem, muitas vezes, programas direcionados para públicos pré-determinados. Com programação integral para esportes, filmes ou música entre outros que inclusive denominam gênero e idades do público pretendido. Caso do Canal GNT, do grupo GloboSat, que se define como um canal voltado para o universo feminino, com conteúdo sobre estilo de vida e atualidade.

Os dados da Associação Brasileira de TV por assinatura nos mostram que em 2017, no Brasil, o número de assinantes já chega aos 20 milhões, sendo o Brasil o oitavo maior

---

<sup>1</sup> <https://rd1.com.br/globo-supera-cbs-e-se-torna-a-segunda-maior-emissora-do-mundo-record-e-a-28a/>

mercado de TV por assinatura no mundo, de acordo com a Anatel. A televisão segue sendo para 63% dos brasileiros a principal fonte de informação de acordo com pesquisa divulgada pelo IBGE<sup>2</sup> neste mesmo ano.

Ao pensar a televisão no livro *Olho de Vidro*, Marcia Tiburi (2011) a define como um dispositivo formador de comunidade social que atua na implicação de produção de sentido, produção de interpretações, produção de corpos e ações. Para a autora, a televisão funciona como um agente que, ao gerenciar a imagem, é também gerenciador da subjetividade e do modo de percepção e entendimento daquele que assiste. A intenção da televisão se baseia em um sistema de transmissão de imagem, mas para isso é necessário que algo ou alguém esteja disponível à imagem. E se a televisão hoje possui influência na construção de pensamentos e comportamentos sociais devido à sua grande adesão por parte do público, e se ela é tão consumida, é importante também que seja entendida. É necessário não só pensar sobre, mas elaborar análises a respeito da imagem assistida e do conteúdo recebido.

São inúmeros os programas exibidos diariamente que são trabalhados a partir de informações e acontecimentos presentes no cotidiano político social. Parte destes programas utiliza tais pautas para além da apresentação jornalística, promovendo debates onde personalidades se apropriam de tais temas e emitem, a partir de seus entendimentos, suas opiniões. Estas pensadas aqui como elementos atuantes na construção de discursos. Para Foucault (1996), o discurso é o local onde o poder ganha forças para ser exercido e através dele é possível obter algum tipo de controle. Nesse sentido, podemos entender a mídia televisiva como espécie de farol sinalizador de condutas e entendimentos associados a produção discursiva e de verdades.

Proponho então aqui, problematizar práticas discursivas televisivas, buscando entender as maneiras com as quais elas surgem e são gerenciadas, utilizando como objeto de análise o programa *Saia Justa*, do Canal GNT. São tomados para esse estudo, devido às limitações do formato, somente os quatro primeiros episódios da temporada de 2016, com intuito de aprofundar a análise dessa pesquisa. O programa é exibido semanalmente, as apresentadoras são personalidades vindas de diferentes campos, do jornalismo ao entretenimento - caso de atrizes e cantoras. Há mais de 15 anos no ar, é um programa de debate sobre diferentes temas da atualidade, assuntos de destaque na mídia, no âmbito político, cultural e social. Desde o início o programa é composto por quatro apresentadoras, sendo dado a uma o papel de mediadora. Na primeira temporada, este papel era da jornalista

---

<sup>2</sup> <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>

Mônica Waldvogel, profissional de trajetória no campo do jornalismo político e imagem vinculada ao universo da notícia. Desde 2013 até a atual temporada o programa é mediado pela também jornalista Astrid Fontenelle, que, ao contrário de sua antecessora, tem a carreira consolidada através do campo do entretenimento, em especial o voltado ao público jovem. Fontenelle é conhecida também do público da televisão aberta que, com o crescimento da TV por assinatura, passou também a consumi-la. Da temporada de 2016 faziam parte do time das Saías, como as próprias se denominam, a atriz e escritora Maria Ribeiro, a também atriz Mônica Martelli e a jornalista Barbara Gancia.

O *Saia Justa* hoje busca uma relação que opera dentro de uma tentativa de proximidade com o público, com programas feitos em teatros espalhados pelo Brasil com plateia. A internet também passa a ser um dos fatores inseridos nas mudanças atuais do programa, como o fato de, em tempo real, as apresentadoras poderem reagir a opiniões – pré-selecionadas pelo programa - através de redes sociais como *Twitter*. Muitas das pautas trazidas semanalmente são originárias de discussões e assuntos repercutidos primeiro nas redes sociais e em outros mecanismos online.

O programa segue um formato tradicional no que se refere ao tipo “programa de debate”. No entanto, ele nos serve para que possamos colocar em contraponto a percepção de uma lógica própria da televisão, a lógica do programa criado. Na ideia de que aquilo que está sendo mostrado é natural ou espontâneo. E que, mesmo em um programa de debate, há uma forma pré-estabelecida, um tempo específico, onde as ideias não podem surgir pura e simplesmente. Há um formato que conduz também a chance desses conteúdos aparecerem e as vozes que ali estão autorizadas a dissertar sobre eles.

O que se pretende é pensar na construção desses debates e como essas cenas compreendidas como realidade são construídas. O intelectual francês Michel Foucault e suas ferramentas da Análise de Discurso são tomados aqui como referencial teórico e metodológico, respectivamente. Assim, este trabalho busca verificar as relações discursivas como um exercício de reflexão e estudo sobre a informação recebida através dos discursos como produtores de verdades. O trabalho não busca, contudo, mostrar que a televisão procura manipular quem assiste e sim ressaltar seu papel evidente de influenciadora (Wonton, 1990 pg.22).

Tendo em vista o exposto até aqui é necessário ainda pontuar que os ditos finais aqui são irrelevantes. Se as opiniões emitidas pelas apresentadoras possuem teor progressista ou reacionário, se são ideológicas ou não, se vão contra ou refletem o estilo de vida das mesmas, não são questões de interesse deste trabalho. Tão pouco nos interessa desvendar “o que está

por trás" ou "o que se queria dizer" com aquilo, mas sim quais são as condições de existência daquele enunciado. O que aqui se busca é um entendimento de como esses discursos são possíveis, sob que circunstâncias eles crescem e quais são suas etapas de elaboração. Pensar, em suma, acerca da estrutura que alicerça essas práticas discursivas as quais tem por resultado um entendimento de verdade.

Para isso na próxima sessão serão abordados o referencial teórico e os conceitos que fundamentam esta pesquisa, seguido de um histórico do canal GNT e do programa *Saia Justa*. Logo após, serão discutidas as análises feitas a partir dos episódios para, enfim, chegar a uma conclusão.

## **2. Se falarmos de TV, de qual TV falamos?**

Seria possível dizer o que é a televisão? Sendo um dispositivo inserido numa cultura mutante, sem dúvida pode ser apresentada de diversas formas. Nesse sentido, levanto aqui a possibilidade de talvez, ao se falar da televisão, referir-me ao seu estado de estar e não de ser. Afinal, a televisão que temos e consumimos já não é a mesma do passado e tão pouco permanecerá igual em seu futuro. A exemplo do canal GNT que, se hoje se propõe a ser porta voz da mulher contemporânea, nem sempre foi assim. Criado no ano de 1991 com o nome de Globo News Television, concebido inicialmente como um canal de notícias jornalísticas. No entanto, em 1996 com a estreia do canal Globo News, o GNT modifica sua programação passando a dedicar-se a exibição de documentários. Mas foi em 2003 que o canal tomou um novo posicionamento em relação à temática e conteúdo, com foco em assuntos e interesses do universo feminino. Este estudo é de uma televisão que se encontra em um determinado estado e que não representa também uma totalidade, e sim um recorte pensado através de um programa.

De todo modo, é possível dizer que uma das definições dadas à televisão é a de um sistema de transmissão de imagem. Uma imagem em movimento. O audiovisual. Essa imagem é celebrada através de programas que integram toda uma programação tendo como resultado o que se pode chamar por hora de conteúdo. Tudo isso é gerenciado, produzido e selecionado. É o próprio sistema de funcionamento da televisão que cria e gerencia seu conteúdo.

Assim, se é intuito compreender quais são as práticas discursivas e quais os caminhos tomados para se chegar até elas, me parece ser necessário que se delimite aqui a origem que

tomo para os conceitos e pensamentos expostos neste trabalho. É preciso que antes de tudo, se tenha percepção da relevância da televisão como objeto de estudo. Não se pensa aqui na televisão como mercado, mas aqui ressalto seu papel como agente atuante em um corpo ao qual a ela está exposto. Para isso recorro à teórica e filósofa Marcia Tiburi, que em seu livro *O Olho de Vidro: A televisão e o estado de exceção da imagem* (2011) faz um paralelo filosófico reflexivo sobre o poder dado à televisão. Para Tiburi, a televisão é um meio que, ao trabalhar com produção de imagem, também trabalha para criação de uma subjetividade. E nesse sentido estaria ela possibilitada a construir comportamentos, significados e sujeitos.

A metáfora do olho de vidro é utilizada pela autora com intuito de explicar a relação que a televisão tem sobre o sujeito que a consome. O olho de vidro seria como uma prótese, pois passa a regular a nossa visão, algo que simbolize uma perda e por consequência uma substituição. A perda aqui referida é a da própria capacidade de ver do sujeito, que vem a ser substituída por uma subjetividade formada pela televisão. Para a autora, esse poder se dá pelo alto consumo e o fato de estar falando para massas, que para Tiburi fazem uso da televisão e estão diante dela sem a chance de compreendê-la.

A televisão nos oferece um entendimento de mundo que não vem ser só estético, por estar inserida numa ordem de produção discursiva. Ela também oferece um ideal já interpretado, organizado e determinado do comum. E desse comum buscando um senso de realidade e verdade. É nesse ponto onde a reflexão posta pela filósofa toca com a intenção desse texto, o da tentativa de perceber a televisão como meio potente e atuante num contexto para com sujeitos e assim procurar entender quais são os mecanismos discursivos utilizados nos programas televisivos.

Dada a uma lógica foucaultiana, não vamos pensar o discurso como amontoado de palavras ou concentração de frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura o imaginário social (RIBEIRO, 2016, pg.56). Em *A Ordem do Discurso* (1970, p.9) Foucault mostra como a produção do discurso, em todas as sociedades, é controlada, redistribuída e organizada por procedimentos que “têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”

Ligado ao discurso e suas práticas, o pensamento de Foucault também se desdobra sobre a problemática da verdade. Para o autor a própria percepção de verdade é algo que ganha seu significado e entendimento dentro de determinado contexto e necessidade. São os jogos de verdade, como Foucault nos fala, onde a verdade é produzida através de práticas discursivas e não discursivas, mecanismos estratégicos presentes nas práticas sociais. Ou seja,

o que conhecemos e titulamos como verdade, não possui um significado unívoco, sendo, antes, um jogo histórico (CANDIOTTO, 2006, p.69).

Pode-se colocar a televisão como parte de um espaço de ordem de saberes de nosso tempo. Cada tempo possui espaços onde existe a possibilidade de aparecimentos de saberes, que tem por fim determinar o que pode ser pensado e como pensar, as coisas que podem ser ditas e as formas como vão ser ditas, assim como os discursos proferidos pela televisão.

Para entender quais são as condições que os tornam possíveis, esse trabalho recorre a duas formas de análises propostas por Michel Foucault, utilizando-se de ferramentas dos métodos arqueológico e genealógico de análises do discurso. Na arqueologia, o que se analisa é o jogo de regras prescrito entre as práticas discursivas de uma época que permite com que algo apareça como verdadeiro. Na genealogia, pensa-se como esses jogos atuam para legitimar estratégias e táticas de poder presentes nas diferentes práticas sociais. A análise do discurso toma um caráter político, a preocupação do autor é mostrar que o discurso manifesta e produz poder (VANDRESEN, 2008).

Rosa Maria Fisher nos sugere em *Trabalhar com Foucault* (2012, p.134) que ao realizar uma análise do discurso é importante que prestemos atenção para as práticas discursivas e não discursivas. É necessário buscar os enunciados de certos discursos, de certos regimes de verdade, próprios de uma época, produzidos, veiculados e recebidos de formas muito específicas, que falam de certo tempo e lugar, que falam de determinadas relações de poder, que produzem sujeitos de certa forma

Os discursos não confrontam nem associam realidade e língua, léxico e experiência, nem devem ser vistos como conjuntos de signos que a estão para remeter a este ou àquele conteúdo, a esta ou àquela representação. Os discursos são sempre práticas que efetivamente "formam os objetos de que falam" (Foucault, 1986, p. 56), e não se reduzem a um conjunto de "falas", de imagens ou de textos que selecionamos para analisar. (FISCHER, 2012, p. 135)

Seria então o papel do pesquisador, ainda seguindo Fischer, buscar descrever os diversos modos discursivos por onde o social é formulado. Compreender os enunciados como acontecimentos pertencentes a certas práticas discursivas que estão conectadas a um regime de verdade e diretamente relacionadas à constituição de sujeitos individuais e sociais.

Partindo do objeto de estudo, o programa *Saia Justa*, e através de seu formato, interessa pensar sua estrutura e quais as etapas que constituem o programa, como as pautas: quais os campos mais frequentes dos assuntos escolhidos e como influenciam na conformação do programa. O tempo destinado às aparições das ideias, que por si só são o foco do

programa, e quais são as vozes autorizadas a estarem debatendo estes temas, a maneira como se relacionam e aparecem. Outro ponto pertinente para a pesquisa é a edição, que passa a ser um processo para composição e construção das práticas discursivas.

### **3. GNT e o discurso do agir.**

Desde que deixou de ser um canal de notícias jornalísticas em 2003 e passou a direcionar-se ao público feminino, o GNT buscou estruturar sua programação de forma que fosse composta por programas e series nacionais e internacionais. Sempre relacionados a atualidade, sobretudo com interesse pelas narrativas da mulher contemporânea.

De acordo com Erica Gama (2014) o canal trabalha com três pilares divididos da seguinte maneira: gastronomia, moda e comportamento. Em dados do site oficial do canal, em 2017 a emissora dispunha de 45 programas dos mais diversos temas, entre eles: decoração, beleza, comportamento, saúde, moda, junto a produções de series e conteúdo de ficção, além de programas de *reality show*. A maior parte das produções é trabalhada por temporadas com variações de número de episódios. Um exemplo são os programas de culinária, que além de diferenciar-se em apresentadores, também buscam abordar diversos estilos, tal qual o programa *Bela Cozinha* que prioriza uma alimentação saudável e sustentável, enquanto o *Tempero de Família* mostra uma cozinha de receitas mais tradicionais. No entanto, nem todos os produtos são exibidos ao mesmo tempo. As temporadas são intercaladas, ajudando assim na diversificação da programação.

Em 2014, 70% da programação do canal era de produção nacional, índice esse que tem relação direta com o crescimento da indústria audiovisual no Brasil. Impulsionado pela lei do audiovisual nº 12.485 de 2011 que vem com intuito de motivar uma produção e competição de mercado mais justa e assim incentivar uma nova estrutura para produção e circulação desses conteúdos audiovisuais produzidos no Brasil. A Agência Nacional do Cinema (Ancine) é o órgão responsável pela regulação e fiscalização dessas atividades, determinando que os canais por assinatura obrigatoriamente devam cumprir uma série de normas para que possam permanecer exercendo suas atividades. As empresas ficam obrigadas a disponibilizar um determinado número de horas de programas nacionais no horário nobre, das 18h às 24h. A produção desses conteúdos deve ser de responsabilidade do próprio canal e/ou por produtoras independentes e seguir regras específicas de veiculação, dispostos, principalmente, nos artigos 16 e 17.

Art.16. Nos canais de espaço qualificado, no mínimo 3h30 (três horas e trinta minutos) semanais os conteúdos veiculados no horário nobre deverão ser brasileiros e integrar espaço qualificado, e metade deverá ser produzida por produtora brasileira independente. Art. 17. § 4º Dos canais brasileiros de espaço qualificado a serem veiculados nos pacotes, ao menos 2 (dois) canais deverão veicular, no mínimo, 12 horas diárias de conteúdo audiovisual brasileiro produzidos por produtora independente, 3 (três) das quais em horário nobre (BRASIL, 2011, s.p.).

Dados da Brasil Audiovisual Independente (BRAVI) mostram que em 1999 apenas 19 produtoras independentes eram filiadas à associação. Em 2018 esse número chega a 652 produtoras sendo em maior parte nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, 305 e 185 respectivamente. Por produtoras independentes, entende-se empresas que produzam audiovisual e que não sejam ligadas às corporações de desenvolvimento de programação, de empacotamento ou de distribuição de conteúdo, ou mesmo com as concessionárias de radiodifusão, como o caso das TVs abertas (GAMA, 2015, pg. 53).

O GNT oferece o acesso aos seus conteúdos por plataformas de serviços *On Demand*, como o caso do GNT PLAY onde todos os programas são disponibilizados para que o assinante possa decidir hora e local que for mais oportuno para assistir. Há também a opção de serviços que segmentam a temática das produções disponibilizadas como o Casa GNT, Moda GNT e o NHAC GNT.

Na tentativa de criar uma relação de proximidade com seu público o canal organiza eventos que vão além da televisão e do digital, como o GNT TEIA, evento teve sua primeira edição em 2016 e promove um encontro para reflexão e debates. Em 2017 trazia o tema: como viver juntos? No evento acontecem palestras, mesas com celebridades, apresentadores da casa e outros profissionais de campos específicos. Outro ponto de relação oferecida pela emissora são estudos GNT onde, junto a uma equipe, são elaboradas pesquisas relacionadas ao universo feminino. Este conteúdo está disponível no site do canal.

#### **4. O discurso em Saias Justas.**

No ar desde abril de 2002 mesmo antes do GNT se denominar como um canal feminino, o *Saia Justa* já indicava em sua criação qual era o caminho pretendido pela emissora. Com um nome que faz referência a uma expressão popular - aqui mais notável do que a relação somente com a vestimenta atribuída a mulheres - com significado de uma situação embaraçosa e constrangedora. O nome retrata o estilo do programa, ao abordar temas que possibilitem discussões e que também dividem opiniões. Um aviso de que a intenção é a

da provocação, sobretudo, no que diz respeito a ideias de comportamentos ligados às mulheres. Dada a sua permanência ininterrupta durante 15 anos, é possível pensar nele como um grande acerto do canal, e de algum modo é perceptivo o êxito em chegar ao público.

Em suas 15 temporadas, o programa passou por mudanças, especialmente nos seus quadros de apresentadores e na dinâmica de funcionamento. Em sua primeira temporada compunham o quadro de apresentadores a jornalista Mônica Waldvogel, a atriz Maria Orth, a escritora e roteirista Fernanda Young e a cantora e compositora Rita Lee, que após 2 anos deixou o programa sendo substituída pela também cantora Marina Lima. No ano 2005 Monica Waldvogel segue como âncora e se juntam a ela a filósofa Marcia Tiburi e as atrizes Betty Lago e Luana Piovani. No ano seguinte, em 2006, Luana Piovani é substituída pela atriz Maitê Proença.

Em 2010 em sua 9ª temporada o programa mais uma vez refaz seu elenco de apresentadores, agora com a Jornalista Tetê Ribeiro, a atriz Fernanda Maria Candido junto a Mônica Waldvogel. Essa temporada passa a adotar uma presença masculina para o debate, algo que até então não acontecia, exceto por participações especiais em algumas ocasiões. O cantor Léo Jaime, o jornalista Xico Sá e os atores Dan Stulbach e Eduardo Moscovis se revezam nesse novo formato de receber um convidado por edição que seguiu durante os próximos três anos, junto a especiais de verão onde somente o quadro masculino participava do sofá.

Na temporada de 2013 o programa passa novamente por uma nova reformulação, agora voltando à origem. O time de apresentadores não conta mais com figuras masculinas e, após 11 anos à frente como âncora, a jornalista Monica Waldvogel é substituída pela também jornalista Astrid Fontenelle. Astrid já fazia parte do time dos apresentadores da casa desde 2007 e já havia apresentado programas como *Happy Hour* e *Chegadas e Partidas*. Junto a Astrid entram as atrizes Maria Ribeiro e Monica Martelli e para completar a jornalista Barbara Gancia. Essa mudança implica diretamente no ritmo de condução do programa. Um ponto importante de característica da então "nova" face que o programa se propunha naquele momento, com uma postura mais direcionada a ideia de entretenimento do que propriamente a jornalística. Não que antes o programa seguisse normas mais engessadas de condutas do papel de um jornalista. Diferente de outros programas de debates como o *Roda Viva* da TV Cultura, o *Saia Justa* desde seu início nunca prometeu a imparcialidade que tanto é bradada no jornalismo. Ainda assim, o fato de Monica Waldvogel ser da esfera do jornalismo ligado a assuntos de política, economia - no mesmo tempo em que estava no GNT a frente do *Saia Justa*, seguia como apresentadora do Globonews - influenciará em sua maneira de conduzir.

O papel da personagem que é posta como âncora é de extrema relevância em relação a dinâmica do programa, sendo a principal mediadora junto aos debates no desenvolver do programa.

A cada nova temporada a parte visual é reformulada, desde a vinheta de abertura do programa até o cenário. No entanto, mesmo com a mudança de estilos e cores, e de diversos modelos ao longo desses 15 anos, um objeto que se faz presente desde a primeira temporada, é o sofá. E não é por menos, afinal, ele tem a função de remeter ao lar, a residência, dando ao programa um tom de informalidade e intimidade. E é a partir dele o convite feito para que o público acompanhe o programa: "Venha se juntar ao sofá do Saia" convida Astrid.

Na 14ª temporada do *Saia Justa*, foram exibidos 43 episódios semanais, as gravações do programa costumam ocorrer em estúdio, na cidade de São Paulo. Exceto em algumas ocasiões como os especiais *Saia Justa Por Aí*, onde o time de apresentadoras visita alguma cidade do Brasil e as gravações ocorrem em teatros com plateia. Em 2016 as cidades visitadas foram Porto Alegre e Fortaleza. Outro momento fora do estúdio habitual foi na época em que o Brasil sediou as olimpíadas, as transmissões foram feitas diretamente do Parque Olímpico.

A análise proposta nas seguintes páginas diz respeito aos programas exibidos no primeiro mês da temporada em questão, totalizando quatro episódios. Com a intenção de pensar a dinâmica da formulação dos discursos através de alguns pontos, será dada atenção as pautas levantadas nesses episódios, bem como pensar em quais campos elas se inserem. Aos personagens que constituem a narrativa do programa, nesse caso as apresentadoras e convidadas. Problematizando a maneira como interagem, ocupam o espaço, a qual lugar ocupam dentro de diferentes campos de saberes e como a relação de tempo é trabalhada no programa. O tempo destinado as discussões e o controle dado através de mecanismos técnicos como a edição.

Os quatro primeiros episódios da 14ª temporada do *Saia Justa* apresentam quatro pautas que são discutidas em cerca de 50 minutos divididas em quatro blocos. Com estreia em 2016 o primeiro episódio da temporada aconteceu no dia 09 de março daquele ano, em comemoração ao mês da mulher. Ao final de cada bloco diferentes personalidades contavam a maneira como percebiam o papel e lugar da mulher na sociedade em contraponto a outras épocas. As edições finais iam ao ar nas quartas feiras às 21:30 no canal GNT. As reuniões de pautas e gravações sempre ocorriam na segunda-feira que antecede o dia da exibição.

Todos os episódios que foram analisados seguem um mesmo padrão de sequência para o desenrolar dos conteúdos. "Salve, salve" é assim que a Astrid aparece saudando o

telespectador para, em seguida, apresentar as pautas do dia (Imagem 01). De maneira rápida com uma breve contextualização, intercalando com uma gravação de bastidores, onde as outras saias ainda no camarim, escolhendo figurino, comendo ou se maquiando, sempre em momentos que antecedem a gravação de estúdio (Imagem 02). Já levantam alguns comentários sobre o tema previamente exposto por Astrid, sempre em tom de comédia e com intenção ao riso. Para encerrar Astrid faz um convite ao público para se juntar ao debate. A data do programa junto algumas palavras “otimistas” são escritas em uma parede. Após a abertura, as quatro são apresentadas juntas sentadas no sofá dentro do estúdio. Junto da cor laranja dominante na decoração e a, ao meio uma "mesa" central, os elementos remetem a ideia de sala de estar, mostrando a descontração da conversa. E cabe mais uma vez a Astrid a apresentação do assunto que será tratado naquele bloco, agora um pouco mais trabalhado e acompanhado de um texto estilo crônica jornalística. Esse esquema segue nos próximos três seguintes blocos.

Imagem 01 e 02. Frames do início do programa



Fonte: Reprodução/GNT

Com os quatro episódios aqui analisados foi possível perceber uma familiaridade nos temas trazidos para o debate. Todos eles pertencem no geral ao que aqui foi caracterizado como comportamento: em relação aos filhos, em relação a carreira, questões morais ou mesmo costumes rotineiros. Afinal é de interesse o encontro e diálogo com a mulher contemporânea. E ao afirmar e reafirmar posições sobre comportamento nos mais diversos campos, não só se constrói como se autoriza certos modos de agir. Enquanto procura desconstruir determinados estereótipos da conduta feminina, outros também são naturalizados.

Partindo da categoria comportamento, nascem ramificações orientando uma subcategoria e até mesmo ordem de surgimento. Entre as subcategorias estão o que aqui definimos primeiro como político. Em todos os episódios o primeiro debate era levantado

sobre questões que estão mais ligadas a esfera social, o coletivo está mais em foco. Discussões sobre o que mudou desde o início do programa no papel da mulher na sociedade. A indignação seletiva em relação a causas sociais e acontecimentos políticos. A questão da educação sobre o índice de analfabetismo no Brasil e sobre o limite entre o privado e público. Frases como "Em nossa sociedade" ou "é cultural..." são corriqueiras nesse primeiro bloco.

Outra categoria está relacionada à dinâmica entre mães e filhos, no segundo bloco os quatro episódios estavam associados à maternidade. O primeiro episódio discute a decisão de tornar-se mãe, inspirado por uma discussão sobre a manutenção da gravidez em casos de contaminação do zika vírus. O Brasil sofria naquele momento uma epidemia da doença. Nos últimos três programas, elas dissertam sobre formas de criação, sobre formas de ser - ou de como são as apresentadoras - mães. Uma das pautas busca falar sobre pontos da maternidade que supostamente não são ditos. Como respeitar escolhas dos filhos ou então descobrir ou incentivar seus possíveis talentos são outros temas levantados.

Por fim, a subcategoria que chamamos de Pessoal que engloba questões de namoro, casamento e de hábitos do cotidiano, mais ligados ao privado das apresentadoras e do público. Como quais são os motivos relevantes para insistir em um casamento, o homem cafajeste, hora correta de acordar, o ato de acumular, da relação com a mentira, bem como pauta relacionada a pesquisa que afirma ser bom ficar triste.

## **5. Personagens compondo narrativas**

No ar desde de 2013, sendo um dos programas mais antigos do canal, o *Saia Justa* tem uma história. E como toda história, personagens. Faladeiras; polêmicas; comportadas; não se importam; cultas; trash; de boa família; de maus costumes; mães de família e filhas da mãe. São essas as características dadas as apresentadoras em forma de gif na abertura do primeiro episódio da temporada. Logo após Astrid encerra a chamada do programa com a frase: 'Entra ano e sai ano, mas nós continuamos, engraçadas, polemicas e diferentonas.'. Se mostra a todo momento necessário atribuir elementos que mostrem a personalidades dessas personagens. Em todo caso não queremos com esse apontamento personalizar, não nos interessa o sujeito. Mas para pensarmos o contexto no qual elas estão inseridas e quais são as circunstâncias que as autorizam a ocupar determinado lugar de fala. O porquê essas personalidades são escolhidas em detrimento de outras. Foucault nos mostra ainda em a *Ordem do Discurso*, sobre as vozes autorizadas, que possuem a permissão para opinar sobre determinados

assuntos, selecionadas dentro de certos rituais que as legitimam como agentes de saberes, com poder de afirmações e construções de verdades (FOUCAULT, 1970, p.37). No caso das apresentadoras, a legitimação se dá a partir do contexto delas de mídia, e por corresponderem aos estereótipos de entendimento, sobretudo do canal do que seria a mulher contemporânea. Mais no sentido de exemplo, do que necessariamente de sujeito.

Fischer (2012) ao analisar a TV justamente a partir de investigações baseadas em estudos foucaultianos, mostra como a televisão implica num sentido de confissão, a obrigação do tudo a dizer. Normalmente tais comportamentos são estimulados a algum tipo de convidado, seja ele sujeito midiático, as ditas celebridades ou simples sujeito comum. De alguma forma, essa lógica em partes é invertida no nosso objeto de estudo, pois as que aqui se expõem são as próprias entrevistadoras, que contam sobre suas vidas. A intenção do programa corrobora com a teoria dita por Fischer: o importante é que se fale.

É possível notar em diversos momentos, os mecanismos utilizados para conseguir confissões. A exemplo no episódio quatro quando Monica é indagada a contar determinada experiência com vizinhos, relacionando ao tema intitulado ‘meter-se na vida dos outros’. Pode-se perceber que tal história havia sido previamente contada, ou por uma conversa informal ou até mesmo na reunião de pauta. Outro momento no episódio dois onde Astrid encerra o quarto bloco, que tinha como tema a memória digital, perguntando a cada uma o que possuem de mais importantes dentro de seus computadores. Os dois casos de algum modo estão ligados a um momento privado e até talvez íntimos e ali é chamado para ser contado para o público, uma exposição da vida privada.

Três das quatro apresentadoras são mães, trazer para a pauta os assuntos dos filhos é como garantir que sejam feitas confissões. Quando o tema se refere a realidade da maternidade no segundo episódio, Maria confessa ter tido uma experiência desagradável durante a gestação, fala dos desconfortos, e diz não ser um momento mágico. Enquanto Mônica, ao contrário diz ter aproveitado cada segundo, ela ainda revela ter tido uma gravidez de risco. Quando no episódio três o assunto remete ao entendimento das escolhas dos filhos, Astrid relembra experiências com sua mãe, Maria diz adorar a fase na qual estava com seu filho mais velho, que o fato dele discordar dela em determinados assuntos a enchia de orgulho. Já Monica se mostra temerosa para quando sua filha chegar a adolescência, compara a seu comportamento rebelde quando adolescente.

Também é sempre dada muita atenção, aos relacionamentos amorosos antigos e atuais. Quando o tema trazido é do casamento, sobre quais os limites para seguir casadas ou optar por uma separação. Monica revela a experiência de ter passado por dois casamentos e duas

separações. Barbara e Maria dizem adorar estarem casadas. Todas as apresentadoras compartilham lembranças e vivências boas ou ruins, sempre direcionadas a uma ideia de aprendizagem. A informação sobre o estado civil atual, detalhes de uma separação, vídeos caseiros que mostram suas rotinas ao acordar como é mostrado no episódio três. Todos artifícios que vem a insinuar que tudo está sendo mostrado, de que nada é escondido e por consequência, a formulação que tudo é verdadeiro e autêntico. Sendo elas os sujeitos exemplos no contexto do programa, é como se ao confessarem dissessem a partir de seus acertos e erros o que deve ser feito e como deve ser feito.

Ainda seguindo da ideia das vozes autorizadas, que legitimam discursos e verdades, percebemos que o programam se utiliza da condição de profissionais, de diversas áreas como das artes, filosofia, economia, medicina, até política. São especialistas que entram em jogo como afirmação do que já está sendo dito, são as vozes autorizadas que trazem consigo o campo científico. Podendo ser um ex-ministro da educação para trazer dados e relatar a situação sobre analfabetismo no país visto no episódio um. Uma psicóloga falando sobre a facilidade ou não do divórcio a exemplo no episódio quatro. No entanto existe o momento de inversão, quando o telespectador passa a ganhar voz, e o que o faz nesse sentido ser ouvido como cidadão comum. Entrevistas de externa, no episódio dois e quatro onde são questionados sobre a maneira que utilizam armazenamentos virtuais, ou como entendem a questão do divórcio e suas causas. Não tem importância titulações, porque ali o que está importando é sua condição comportamento, seus costumes, reafirmando a naturalidade e a certeza do que está sendo discutido, também como se mostrasse ao público: você está sendo ouvido, você existe e você importa.

## **6. O tempo da televisão e as ideias do lugar de vitrine**

A questão do tempo na televisão é extremamente importante, ele é sempre limitado e restrito. Primeiro que é preciso obedecer a uma grade de programas, onde o público precisa saber a hora que cada programa começa ou termina. O GNT costuma trabalhar com dois formatos temporais, de 30 minutos ou 50 minutos com intervalos. Nesse tempo é preciso desenrolar o que é proposto por episódio. No caso o *Saia Justa* é dividido em quatro blocos, em cada um fica destinado ao debate de um dos assuntos da pauta. Todos esses pontos são de caráter mais práticos e técnicos a nível de formatação. Mas esse controle e divisão do tempo acaba também por afetar a questão que a este trabalho importa. A do discurso.

Márcia Tiburi, (2011) diz que na televisão as ideias aparecem a nível de vitrine, uma vez que o tempo é controlado e pré-determinado para o desenvolvimento de algum tipo de raciocínio, que não é permitido que se aprofunde com a real necessidade que uma reflexão necessita. Para o *Saia Justa* em questão, é preciso dar conta de diversos temas e diversas opiniões. A atriz Maria Ribeiro, em entrevista a Marcelo Médici no programa *Bipolar show* do canal Brasil declarou: " Quando você faz um programa semanal, onde você fala de tudo, mas não fala profundamente, você fica sabendo de várias coisas superficialmente". A resposta dada por Maria, confirma o que foi antes pensando e exposto por Tiburi.

Um dos mecanismos que auxiliam nesse controle em relação ao tempo que podemos dar atenção é a edição. Não é possível dizer que o tempo de duração de cada gravação do programa, e o quanto fica de fora desses 50 minutos finais. No entanto, a própria ação da edição vem a dar conta de uma seleção em relação a algo. Sobre o que entra e o que sai, o que importa e por consequência o que não importa. O que em nosso estudo diz respeito a opinião das apresentadoras ou de outros eventuais participantes do programa, a toda prática discursiva.

Não seria correto, uma vez que pretendemos seguir os ensinamentos de Foucault, se nos prendêssemos a pensar nessas escolhas somente em cima do que é falado. As escolhas de cortes, de planos e ao que será dado atenção no campo do visual também são componentes que auxiliam a produção discursiva final, ao dar atenção a determinada expressão do sujeito que fala, ou mesmo a reação de outro. Do mesmo modo a questão sonora, como percebemos na opção pela cena final de todos os episódios, onde a câmera se afasta e nos permite olhar em campo aberto a interação de todas as participantes que seguem conversando entre si, no entanto, é uma trilha de volume crescente que se sobressai as apresentadoras, e mesmo que a nós não nos seja revelado o que é dito, vemos ali uma relação de diálogo que segue, como se nos mostrasse que além do programa, existe a intimidade e o desejo da conversa assegurando a informação de uma amizade existente.

A função de ancora, como apresentadora principal destinada a Astrid, também atua no controle do tempo em que o programa se organiza. É dela a função do contato com o público de casa, de maneira didática do que se trata o que ali será conversado. Ela é a única das apresentadoras a direcionar-se à câmera, o que denota o poder dado a ela de porta voz. Além de iniciar os debates, cabe a ela também direcionar, com perguntas para as outras apresentadoras, assim como interromper uma para que outra conclua ou porque está em tempo de fechar o debate por consequência do final do bloco ou até mesmo do episódio. E o

direcionamento dado por Astrid diz respeito também a quem assiste. Como se o final de cada bloco ao avisar brevemente qual será o assunto que seguirá pós intervalo, nos conduziu a encerrar também nosso pensamento sobre o que se estava sendo conversado e direcionar a atenção no seguinte. A lógica do superficial de ideias do debate proposto.

## 7. Considerações Finais

Márcia Tiburi (2011, 82.) entende a televisão como um mecanismo que nos mostra algo, e ao mesmo tempo nos ensina e produz formas de olhar. Nesse sentido, a televisão seria um lugar da ausência do que poderia ser visto, condicionado a mostrar algo enquanto esconde outro. De modo que por ela é oferecido um mundo interpretado para uniformização do ver e do agir. Direcionando o entendimento do que é verdade. Sendo assim, sua função se torna mais que simplesmente entreter, teria ela potência e desenvolveria um papel de agente de subjetividade e social. Tomados pelos conceitos de discurso e produção de verdade, o que se propôs nesse trabalho foi um estudo na tentativa de elucidar o pensamento sobre tais práticas na formação de conteúdo televisivo e seus discursos. Direcionando nossa pesquisa ao *Saia Justa*, programa que vende a espontaneidade e naturalidade televisiva, no entanto, ele é por diversos meios produzido e construído.

Ao dissecar sobre as etapas de composição do *Saia Justa*, partindo de seu formato e aparados pela metodologia da análise do discurso, atentando aos ditos e não ditos, ao discursivo e o não discursivo, detidos a uma lógica foucaultiana, nos interessou descobrir as condições que permitem o surgimento do discurso, desde sua criação e organização. Tomo tais fatores, não para concluir algo, mas para apontar para uma direção de entendimentos dessas práticas.

Ao tudo ser dito pelas apresentadoras, que ali exemplificam imagetivamente a idealização do que pelo menos para o programa é entendido como sendo a mulher contemporânea a qual se propõe conversar, partindo da ideia da confissão do privado, do íntimo, de desejos e mesmo do banal, dos atos comuns do cotidiano, do que pode ser glorificado ou mesmo do que pode se sentir vergonha. Toda exposição dessas experiências, de acordo com Fischer está atrelada a um entendimento de que "a verdade será tão mais verdadeira quanto mais exaustivamente for falada". Atuando assim como um conjunto de conselheiros do corpo e da alma, criando dois tipos de discursos, o dos que confessam e dos que interpretam essas confissões. Sendo no caso da televisão os dois papéis por ela

executados. Uma vez que como percebemos, é dela a decisão de escolha do sujeito falante, assim como ela mesmo sugere o que vai ser dito e quando será dito, num tipo de orientação dessa confissão. E é dela a interpretação, ao editar, controlar tempo, ao escolher quais falas permanecem para um produto final e quem pode falar e em quais contextos e locais.

Se Foucault (1986) nos diz no livro *A Arqueologia do Saber* que os discursos não somente falam sobre algo, mais que isso, eles formam os objetos de que falam. Essa é a ação da televisão. No momento em que o *Saia Justa* almeja ser um programa que converse com a mulher contemporânea, ele também busca formar essa mulher. Confirma-se, através desse estudo a hipótese da televisão como produtora de verdades, de modo de ser e agir, e do funcionamento de fabricação do discurso da televisão dentro de práticas de saberes, junto a relações de poder, que atuam na construção de subjetividade de sujeitos.

Contudo, entendo que, sendo a televisão um meio de comunicação importante e muito presente na vida da população brasileira, é necessário que seu conteúdo seja problematizado e analisado. Portanto, simplesmente negá-la não se faz suficiente, assim como sua mera afirmação também não. Entendo que assim como qualquer outro meio que trabalhe com imagens, é preciso aprender a ver televisão. O aprender televisão implica em inúmeras observações, como a de se contrapor principalmente a sua lógica do "real" e "natural". Se a consumimos, precisamos então entendê-la. Aos que dizem não aos meios televisivos pura e simplesmente, convido a pensar junto suas potencialidades e as maneiras com as quais podemos com ela trabalhar a nosso favor.

**Referências Bibliográficas:**

CANDIOTTO, Cesar. **Foucault: uma história crítica da verdade**. Transformação, v. 29, n. 2, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso (A)**. Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GAMA, Érica Ribeiro. **ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE** Uma aproximação entre os eventos cotidianos e as narrativas midiáticas: uma análise do ritual do casamento no programa “Chuva de Arroz”. Niterói: UFF, 2015. 137 p. Dissertação (Mestrado em comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2015.

RIBEIRO, D. **O que é Lugar de Fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

**SAIA JUSTA**. Rio de Janeiro: GNT, março de 2016. Programa de TV.

TIBURI, Marcia. **Olho de vidro: a televisão e o estado de exceção da imagem**. Editora Record.

VANDRESEN, Daniel Salésio. **O Discurso como um Elemento de Articulação entre a Arqueologia e a Genealogia de Michel Foucault**. 111f. 2008. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Filosofia)-Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE. Toledo.2011

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. Ática, 1996.

